

O Comboio

O antigo Cais de Mercadorias de Viseu, Outubro de 2005.



Artigo de opinião de Carlos Canhoto publicado originalmente no Jornal do Centro nº 174, Ano 4, de 15 de Julho de 2005.

Dario-Silva@ocomboio.net
www.ocomboio.net

Depois da broa e do pão com chouriço, eis que Viseu conquista um novo recorde, desta vez pouco abonatório: o da maior cidade europeia sem caminho-de-ferro. Quem sabe se não será, afinal, essa a razão do nome “Europa” para a avenida construída no lugar da antiga infra-estrutura ferroviária? A notícia surgiu no jornal “Público” de 4 de Julho, mas não é nada de que não se suspeitasse. Afinal, a cidade já detinha o título nacional para a mesma proeza. No final dos anos 80, as vistas curtas e a imbecilidade dos responsáveis pela política de transportes nacional e pela gestão do caminho-de-ferro ditaram o encerramento de várias linhas regionais, em que se incluíram as duas(!) linhas de bitola estreita que serviam Viseu. Um processo que foi, é claro, cuidadosamente antecedido da clássica e progressiva decadência dos serviços, de modo a torná-los impraticáveis e a poder argumentar com a pouca procura do transporte ferroviário... Entretanto, a construção de vias pseudo-rápidas permitiu que durante alguns anos se criasse a ilusão de uma quebra de isolamento ao nível dos transportes. Erros de concepção, falhas ao nível da educação e da fiscalização depressa revelaram o logro, saldado em inúmeros mortos e feridos. O uso do automóvel particular tornou-se

indispensável, com a conseqüente dependência das populações face aos desígnios de bancos e petrolíferas. A ferida deixada pelo desaparecimento do transporte ferroviário nunca foi sarada, e começa a doer com cada vez mais força. Mas se a culpa desta situação se deve à mesquinhez e incompetência de sucessivos governos, também o poder local pouco fez para resolver o problema. Basta ver a famosa “Rotunda Cibernética” ou fazer uma visita às antigas estações e apeadeiros (Campo, Moselos, Figueiró, etc.) – actualmente património municipal - para ver o pouco carinho revelado pela autarquia viseense em relação ao caminho-de-ferro e mesmo a pressa em apagar essa memória. Como explicará o edil viseense esse desprezo às crianças que leva a passear a Lisboa de comboio (com partida de outra cidade)? A última “solução” apontada para este absurdo é a passagem do TGV por Viseu. Já aqui falei desta questão, mas resumo o que afirmei na altura, e que parece óbvio: o TGV é um comboio vocacionado para grandes distâncias. Se parar em Viseu e noutras cidades médias sistematicamente, perde a razão de ser. Se se seguir essa via, vamos deitar muito dinheiro para o lixo. O TGV não vem preencher as lacunas de um transporte ferroviário deficitário e mal gerido.

www.ocomboio.net

Mas, quer os vários governos (do PSD ao PS) – incapazes ou sem vontade de elaborar um plano ferroviário nacional, à imagem do que se fez em Espanha, p. ex., - quer o presidente da câmara de Viseu parecem satisfeitos com essa solução, que, se serve para “sacudirem a água do capote” enquanto andarem pelo poder, não serve seguramente o interesse das populações. Viseu precisa da ligação ferroviária convencional à Linha da Beira Alta e, numa fase posterior, à Linha do Norte via Aveiro. Usando ou não algo dos antigos traçados e infra-estruturas. Só assim se poderá dotar as populações de acessos rápidos, eficazes, seguros, ecológicos, confortáveis aos grandes centros mas também aos centros urbanos mais próximos de Viseu, e melhorar substancialmente a sua qualidade de vida. Mas para isso é preciso ultrapassar a visão pequenina do asfalto, do betão e da rotundzinha.

cjcanhoto@sapo.pt